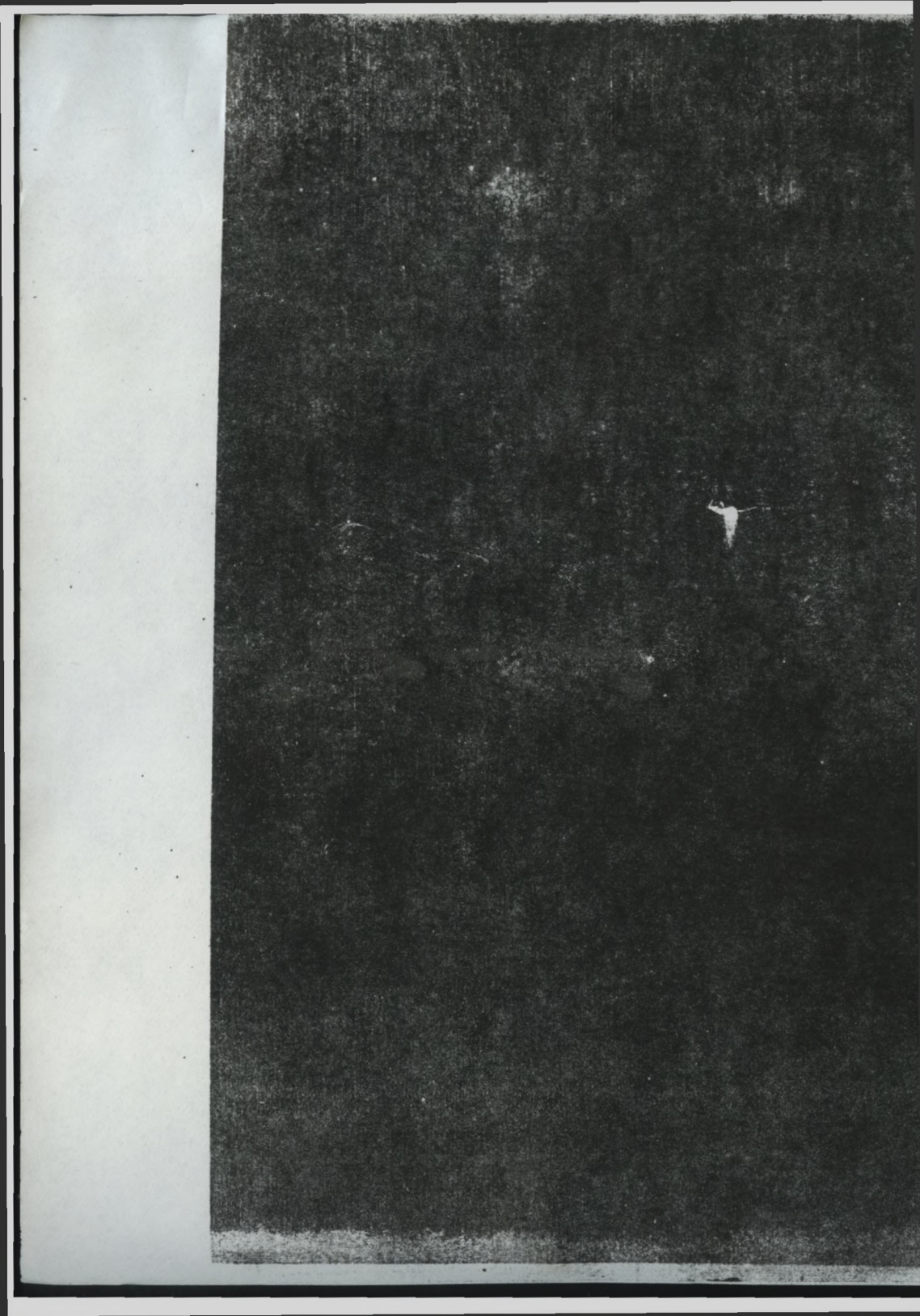


Parque de Historia Natural

Galena
Etnográfica
1985
Ex 1 1985?

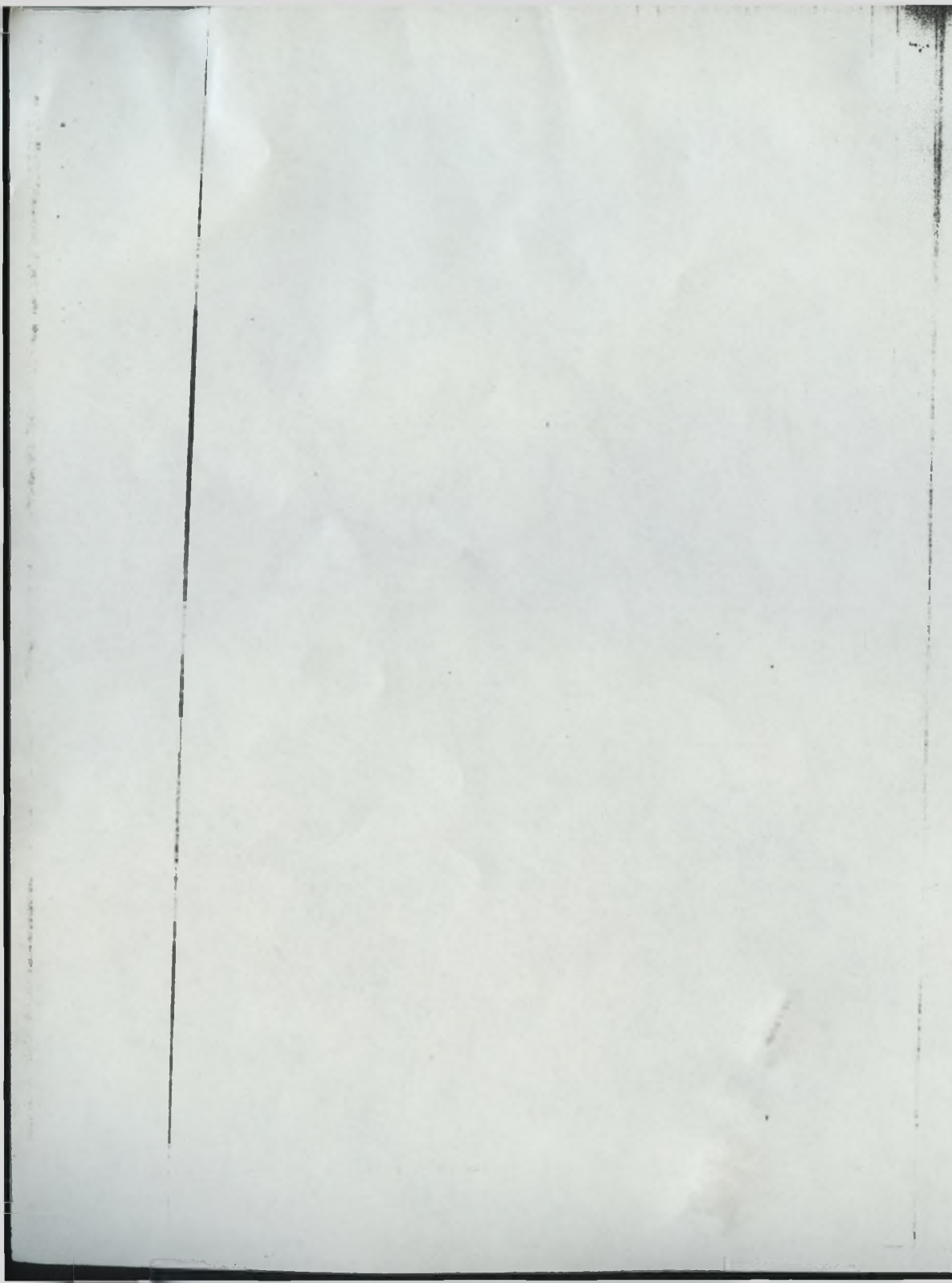
Parque

257





Convira porventura prevenir o visitante interessado de que não encontrara neste catálogo notas elucidativas sobre cada uma das peças expostas. Não o permitem as circunstâncias em que a Galeria de Etnografia foi organizada. Dispôs-se tão somente dos escassos dados facultados pelos livros de inventário — usualmente indicando não mais do que as dimensões das peças — e da restritíssima literatura etnográfica moçambicana. Onde em absoluto escasseou informação sobre as origens ou funções dos objectos expostos, optou-se pela breve referência ou omissão total — tendo-se considerado a todos os títulos preferível não informar a fazê-lo defeituosamente. É no entanto nosso objectivo, num futuro não muito longínquo e na medida em que se avolumem os nossos conhecimentos, preencher as lacunas que agora lamentamos não poder suprir.



SALA A

- I — Antiga estatuária maconde e outra
- II — Artesanato em marfim.
- III — Artesanato em prata.
- IV — Fotografias: o homem e seu habitat.

SALA B

- I — Casais macondes e thonga-angunes.
- II — Máscaras **nhau**.
- III — Máscaras **mepico**.
- IV — Cestaria. Fotos.
- V — Utensílios domésticos em madeira. Fotos
- VI — Olaria. Fotos.
- VII — Aprestos de pesca. Fotos.
- VIII — Tambores.
- IX — Cadeiras macondes. Foto.
- X — Escultura.
- XI — Escultura.
- XII — Fole de ferreiro. Foto.
- XIII — Fotografias: o homem e o trabalho.

SALA C

- I — Instrumentos musicais. Fotos.
- II — **Timbila** ou xilofones chopes. Fotos. ||
- III — Esculturas rongas.
- IV — Esculturas macondes.
- V — Vitrine com alguns objectos usados por curandeiros. Fotos.
- VI — Bastões. Mesas. Esculturas.
- VII — Vitrine contendo bancos e traveseiros tradicionais
- VIII — Cachimbos. Foto.
- IX — Banco.
- X — Banco.
- XI — Alambique.
- XII — Torno.
- XIII — Caldeirão «Chambéti».
- XIV — Utensílios em cobre e latão de origem asiática. Fotos.
- XV — Mesas da Zambézia.

SALA D

- I — Vitrine com peças em pau-preto e pau-ferro
- II — Vitrine com trabalhos em missanga.
- III — Hornem Ronga.
- IV a VIII — Armas tradicionais.

SALA A

- 1 — Oito esculturas antropomórficas, sendo seis macondes (tatuadas), uma provavelmente macua e outra thonga-angone (mulher com cesto).

Tem-se entendido que a escultura maconde, de tradições seculares, constitui o expoente máximo da arte escultórica da África Oriental. Apresenta marcada analogia com formas de arte consideradas superiores provenientes do Alto Egipto e certas áreas da África Ocidental, em particular Sudão e Balubas do Zaire.

O prolongado contacto com europeus e indianos e a presença missionária afectaram em elevado grau a arte maconde que, no seu conjunto, degenerou lamentavelmente. Por outro lado, em território tanzaniano tem-se verificado nos últimos anos um ressurgimento em novos moldes desta arte outrora tão notável.

As peças aqui apresentadas, em madeiras leves e claras, pertencem a uma época em que as influências exteriores não se faziam ainda sentir. Na Sala D encontram-se expostos alguns exemplares, em pau-preto e pau-ferro, da arte híbrida que em Moçambique veio a prevalecer entre os Macondes.

Em território moçambicano o povo Maconde encontra-se localizado principalmente no planalto que lhe deu o nome, a sul do rio Rovuma, consti-

tuindo um enclave setentrional na vasta área ocupada pelos Macuas. Estende-se ainda para além-fronteiras em território tanzaniano.

II — Trabalhos em marfim.

III — Artesanato em prata proveniente do lbo, Ilha de de Moçambique e talvez Zambézia.

IV — Fotografias

- 1 — Casa de dois andares, sendo o superior utilizado na época quente. Mopeia, Zambézia.
- 2 — Celeiro. Povoação Azimba. Macanga, Tete.
- 3 — Local de reunião dos homens e rapazes da povoação. Bárue.
- 4 — Cortelho de porcos defendido contra leões e leopardos. Povoação Azimba. Macanga.
- 5 — Celeiro em que os produtos são expostos para seca. Usado pelos Tauara. Bárue.
- 6 — Prateleira no interior de uma casa Azimba, apoiada em quatro prumos. Macanga.
- 7 — Casa mostrando varanda circular onde são guardados utensílios. Povoação Azimba. Macanga.
- 8 — Aspecto de povoação Tauara. Bárue.
- 9 — Grandes cestos usados pelos Tauara para conservação de produtos do solo, em especial mapira. Bárue.
- 10 — Máscara facial do **nheu** dos Azimbas. Macanga.
- 11 — Máscara facial representando um europeu. Etnia Sena. Mopeia.
- 12 — Máscara-elmo maconde usada na dança **mapico**.
- 13 — Máscara facial do **nheu** dos Azimbas. Macanga.

- 14 — Máscaras faciais usadas na dança **nhou**. Etnia Azimba. Povoação Gareta, Furancungo, Macanga.
- 15 — Máscara-elmo do **mapico**. Macondes.
- 16 — Estrutura representando antilope, usada no **nhou** pelas Angónis.
- 17 — Máscaras usadas no **nhou** pelos Angónis.
- 18 — Três homens Angónis.
- 19 — Homens Rongas jogando **tchuba**.
- 20 — Pombal constituído por pequeno tronco escavado interiormente tendo nos extremos folhas espinhosas para protecção contra os leopardos; a cabeça contém mapira para alimentação dos pombos. Vila Gouveia, Bárue.
- 21 — Curral de cabras. Quissanga, Porto Amélia.
- 22 — Armadilha para caça. Etnia Ajaua.
- 23 — Cortiço. Povoação Azimba. Macanga.
- 24 — Sepultura.

SALA B

- I — Vitrine contendo dois casais Macondes e dois Thonga-Angunes. Representam provavelmente os antepassados, fundadores da tribo.
- II — Vitrine contendo máscaras do **nhou**.

As máscaras expostas são usadas na dança ritual do **nhou** dos povos Maraves (principalmente Cheuas) do Malávi, Zâmbia e província de Tete. Nalgumas áreas, Angónis e Ajauas fixadas entre Cheuas adoptaram-na igualmente.

Nhou foi outrora uma sociedade secreta a que tinham acesso apenas homens de certa idade e status social. Verdada a seriedade, era especial mulheres, qualquer violação do sigilo que a envol-

via era severamente punida; questões relacionadas com o **nhau** eram ouvidas, não nas usuais assembleias de homens-bons, mas em tribunais especiais. Nessa sociedade secreta os jovens eram instruídos sobre história e costumes da comunidade, sendo-lhes igualmente ensinada uma linguagem secreta.

Nhau encontrava-se sob controlo directo do chefe da área que decidia quando e por quem devia dançar-se essa dança ritual. O chefe era o «dono» do **nhau**, podendo transferir para comunidades sob sua jurisdição o direito a possuírem o seu próprio **nhau**.

Estas danças parecem ter sido originariamente propiciatórias, visando obter para os vivos a protecção dos espíritos dos mortos. Executadas outrora apenas por morte de chefes e outros indivíduos importantes, degeneraram em anos recentes em certas áreas em simples pretexto para dança, consumo de cerveja, licenciosidade sexual e extorsão de alimentos às populações.

Em quase todas as danças do **nhau** a identidade dos participantes é ocultada por máscaras e estruturas figurando seres humanos ou animais. Folhas de milho representam geralmente cabelo humano e pêlo de animal; outros materiais usados incluem folhas de bananeira, capim, tiras de casca de árvore e velhos sacos de fabrico europeu cobrindo armações de bambu.

Os membros do **nhau** podem em várias ocasiões representar diversas personagens. Algumas das máscaras e estruturas mais frequentemente usadas representam animais selvagens, intervindo umas apenas em certos estágios do **nhau**, outras em qualquer ocasião. Máscaras com figura humana representam caçadores, homens velhos, euro

peus, espíritos malignos, etc. A cada máscara corresponde determinado comportamento que é mimado pelo intérprete.

No Malávi e por influência cristã fazem actualmente parte do **nhau** figurações da Virgem Maria e o Meninô, S. José e Apóstolo S. Pedro, etc. Todas essas máscaras são pintadas de vermelho, cor que localmente se atribui aos europeus. Quando a Virgem dança, fá-lo nos moldes do **cinamwali**, a dança de iniciação feminina dos Cheuas.

Nhau tem a duração normal de seis dias. Terminadas as danças, as estruturas representando animais são queimadas e as cinzas enterradas. As máscaras não são destruídas mas escondidas (em colmeias colocadas no topo das árvores ou nos vasos de oferendas das sepulturas), sendo a sua localização objecto de rigoroso sigilo.

III — Máscaras macondes, e provavelmente também ajauas, em madeira, usadas no **mapico**.

O carácter ritual das danças **mapico** — outrora porventura invocatórias dos espíritos protectores da tribo ou exorcizantes de influências maléficas — parece ter-se perdido, apresentando-se aquelas actualmente como simples torneios entre dançarinos de aldeias diferentes.

A dança, acompanhada por uma orquestra de cinco tambores, termina obrigatoriamente ao pôr-do-sol. Música e dança repetem-se indefinidamente, pontuadas pelas invectivas da assistência que simula, por vezes, apedrejar os dançarinos. A saudação em unísono em direcção ao local de origem mítica da tribo é talvez o elemento mais arcaico de uma manifestação cultural cujo sentido profundo se obliterou.

Das danças fazem parte indivíduos do sexo masculino, vestidos com indumentárias usadas exclusivamente para este efeito e que ocultam a sua identidade. Os dançarinos não podem ser reconhecidos por nenhum dos assistentes, vestindo-se em lugares retirados com o auxílio de acólitos que depois os conduzem ao local do **mapico**.

A confecção das máscaras é, escrupulosamente vedada a olhares estranhos, sobretudo femininos. Reproduzem sempre tipos humanos, não faltando as tatuagens, a deformação labial derivada do botoque e o uso do cabelo ou sua imitação. De uma madeira muito leve e macia localmente designada por **tene**, são pintadas com tinta de cor alaranjada, branca, ou mais raramente negra. Ao serem utilizadas, as máscaras são colocadas com certa inclinação para trás para facultarem visibilidade ao dançarino que se serve do orifício da boca para ver e respirar; o espaço entre a máscara e o resto da vestimenta é coberto com um pano usualmente colorido.

As máscaras são sempre guardadas em lugares pouco acessíveis — tais como concavidades de troncos de árvores ou pequenas cabanas construídas para o efeito —, não frequentados por mulheres.

IV — Cestaria

- 1 — Dois exemplares de cesto **chirundzu** ou **chirundu** (em línguas changane e chope, respectivamente).

São utilizadas na sua feitura varas de uma planta rasteira, **dinhunguluti**, para formar a espiral, tiras de folhas de palmeira, **minala**, para coser e estofar a espiral e um cordel torcido feito de entrecasca da árvore **mphai**

para rematar o cesto. As folhas de **minala** são fofadas em água para adquirir maleabilidade.

O **chirundzu** é entrelaçado com duas tiras largas de casca da árvore **ndzonzo** cosidas em cruz. Esta casca é enterrada e regada durante alguns dias, adquirindo textura e cor semelhantes às do cabedal.

O **chirundzu**, produto do trabalho feminino salvo pelo que respeita à preparação da casca de árvore, é usado pelas mulheres Changanes e Chopes para transportar toda a sorte de géneros.

- 2 — Coador changane, **ichlhutu**, destinado a espremer por distensão e a filtrar tanto a espessa massa de frutos silvestres fermentados de que são feitas bebidas tradicionais, como os frutos da mafurreira (previamente fervidos) donde é extraído óleo. As substâncias sólidas ficam retidas no interior do coador enquanto o líquido corre filtrado através dos interstícios do tecido.

O **ichlhutu** é tecido segundo as técnicas de diagonal aparente e marchetada.

- 3 — Cestos confeccionados com estreitas tiras de bambu ou folhas de palmeira, destinados a peneirar milho.

São feitos por homens mas usados principalmente por mulheres. Encontram-se muito divulgados em Moçambique.

(Designados por **chikhelo**, **chiselo**, **lichelo** e **etocua** em línguas changane, chope, ronga e macua, respectivamente).

- 4 — **Mulala**. Cesto usado pelas Macuas para colocar o milho à medida que vai sendo penei-

rado. Difere do cesto **etocue** apenas pelas suas menores dimensões.

- 5 — **Epage**. Pequeno cesto usado pelo povo Macua para colocar a farinha cozinhada. Desta se fazem pequenas bolas que são molhadas no caril antes de ingeridas.
- 6 — **Baciquete** (corruptela do termo inglês **basket**). Cesto para transportar vegetais das machambas. Usado pelos Vandau do Donibe, distrito de Manica, província de Chimoio.
- 7 — Sacas de mão, **minzava** (em linguas ronga e changane), confeccionadas com folhas de palmeira, **inola**. O seu formato varia segundo os fins a que se destinam e as predilecções do cesteiro, havendo-as abertas com asas, fechadas para usar a tiracolo, de duas partes encaixadas e sem asas, etc.

As **minzava** são quase exclusivamente executadas por homens, havendo famílias em que o ofício é exercido por gerações sucessivas.

A técnica empregada é a de diagonal aparente, podendo variar-se o padrão quer alternando certos pontos quer introduzindo elementos tingidos. As cores mais frequentemente utilizadas são o castanho-escuro, obtida com terra argilosa, e o azul, à venda no comércio.

A presente cestaria é comum a grande parte da zona costeira de Moçambique e alguns pontos do interior.

- 8 — Gaiola em madeira com desenhos incisos
- 9 — Sacos para transporte de cereais.
- 10 — Cesto para transporte de galinhas.

11 — Cesto **tagari**. Quelimane.

12 — Três leques em folha de palmeira.

Os objectos expostos constituem exemplos de três técnicas empregadas em cestaria: de entrelaçado duplo, de diagonal aparente e de espiral cosida.

Técnica de entrelaçado duplo: consiste em elementos paralelos serem entrelaçados com um elemento perpendicular, constituído por duas tiras maleáveis que passam uma por trás e outra pela frente dos primeiros, cruzando-se nos intervalos dos elementos paralelos.

Na técnica de diagonal aparente entretecem-se, perpendicularmente um ao outro, dois grupos de elementos de idêntico material de maneira que uma tira ou elemento passa consecutivamente por baixo de dois (ou mais) e por cima de dois (ou mais) elementos; na fila seguinte repete-se esta sequência que tem contido início no elemento subsequente. Quando este padrão é enriquecido por variações ornamentais, produzidas por diferente número de elementos sob ou sobrecruzados, designa-se por «marchetado».

A técnica de espiral cosida consiste em enrolar qualquer material susceptível de ser espiralado a partir de um centro, construindo-se a forma do cesto por meio de voltas sucessivas até a altura desejada, simultaneamente, cada volta é fixada à anterior por meio de um novo elemento, por processo que varia, sendo frequente o da «cosedura».

13 — Fotos.

1 — Homens Rongos entrançando folhas de palmeira.

- 2 — Cesteiros Tauaras. Changara, distrito do Bárue.
- 3 — Fumba, esteira para dormir usada na Zambézia.
- 4 — Mulheres Bonga, não habituado em esteiras de palha.
- 5 — Velhos Chopes da Manhiça fazendo cestos de palha.

V — Utensílios domésticos em madeira

- 1 — O pilão ou almofariz de madeira (**tchuzi** em ronga), com o seu maço de pilar, **mussi**, é utensílio indispensável em todo o lar rural de Moçambique. No Sul do Save faz parte das oíertas de casamento (constituídas por objectos de uso doméstico e roupas) apresentadas à noiva no dia das bodas por numeroso cortejo de raparigas e mulheres que entoam canções alusivas ao ac. u.

Os pilões variam em tamanho, consoante os fins a que se destinam, sendo os maiores utilizados na farinação dos cereais e os mais pequenos na moagem dos condimentos.

As madeiras empregadas tanto nos pilões como nos maços são duras, sendo de uso corrente a chanfuta, a umbila, a mugonha e a mucarala.

- 2 — Fratos, moçozas, pratos duplos (para servir em separado farinha e molho), pucaros, conchas para tirar os alimentos cozinhados, colheres de diversos usos, etc. São geralmente executados em madeiras leves e macias — mataneira, açanheiro, cajueiro, gane, **tule**

(em lingua ronga) e outras — escurecidas com um ferro quente.

As tigelas são usualmente de forma circular, havendo-as também ovais com quatro pequenos suportes e uma pega; estas são em certas áreas designadas por tigelas-porco por se considerar que representam este animal com as suas quatro patas e cauda. Outras ainda, por influência europeia, são providas de tampa ou apoiam-se em suportes altos.

Foi observado por etnólogos que se debruçaram sobre o assunto que tradicionalmente os desenhos incisos nas tigelas diferiam consoante os clãs ou tribos, correspondendo por outro lado aos penteados das mulheres cujas divisórias seguiam igualmente um padrão tribal. Pequenos cestos bordados a missanga revelavam do mesmo modo a filiação da sua proprietária.

As tigelas são executadas apenas por homens.

3 — Foto: Mulheres Macondes pilando cereal.

VI — Olaria

Os recipientes de barro expostos destinam-se a diversos usos domésticos e provêm principalmente de Macupulane, Macia e Marracuene, no Sul do Save.

O fabrico de potes tem lugar ao ar livre, em qualquer altura do ano, sendo geralmente aproveitados intervalos de outras actividades. Os potes maiores são executados por mulheres idosas, oleiras de reputação, e os pequenos por mulheres jovens e inexperientes.

Como roda de oleiro é empregado o fundo de um pote inutilizado. O barro é limpo de impurezas e são-lhe adicionados água e fragmentos moídos de velhos potes até se atingir a consistência desejada. Os recipientes são feitos a partir da base, sendo a mão direita usada para retirar o barro do interior e levá-lo e a esquerda para formar a parede exterior. A espessura do pote é regulada pelo tacto. As superfícies exterior e interior são alisadas com o auxílio de maçarocas e vários frutos.

Após algum tempo, destinado a secagem, os potes são voltados para baixo para que se possa concluir o seu fundo. Novamente secos por período que varia segundo as suas dimensões, procede-se à cozedura. Esta tem lugar ao ar livre sendo as peças de olaria totalmente cobertas de lenha que arde durante várias horas.

São as seguintes as formas principais de olaria chope de Macupulane: panela para cozinhar a farinha (**chikavana**), de tamanho variável; panela mais pequena para cozinhar o molho (**chikavana cha chidoto**); cântaro para transportar água (**inzeke**); recipiente muito pequeno destinado às oferendas aos antepassados junto da árvore sagrada (**injomela**); recipiente de água para tomar banho (**inkamba**), por vezes com pequenas asas denominadas **mitsumbu** (seios); recipiente com estrias para moer farinha (**chikurru**); grande pote para guardar água, conservar cereais ou preparar bebidas fermentadas (**ichungwa**, termo antigo, ou **ikadi**).

As duas bilhas para água decoradas com incisões e grafite provêm de Manica, Chimoio, e apresentam características distintas das da olaria do Sul do Save. Igualmente de Manica é a bilha pintada a tinta de esmalte sintético vermelha.

Fotos: 1 — Aldeia ronga Mulheres preparando refeição.

2 — Mulher Ronga cozinhando.

3 — Mulheres de Manica e seus potes pintados.

VII — Aprestos de pesca

1 — Rede em casca de árvore.

2 — Barco feito de tronco de árvore.

3 — Modelo de barco (**buato**) usado pelos Nhanjas no Lago Niassa.

4 — Modelo de barco em casca de árvore **mutumba** ou **mtondo** (em linguas tonga e chope, respectivamente) a que é dada forma pela introdução de varas e cavilhas de madeira leve e resistente, amarradas com fibras vegetais. Com idênticas fibras são também cosidas as extremidades do barco.

Actualmente em desuso, foram estas embarcações meio de transporte corrente nas águas tranquilas das lagoas chopes e rio Inharrime onde eram designadas por **matevele**, sendo **donga** ou **dongo** o termo generico empregado pelos europeus para designar embarcações gentílicas.

Os povos do delta do Zambeze, particularmente Podzos, Senas e Chuabos, em cuja região abunda a referida espécie vegetal, construíam barcos análogos que utilizavam para idênticos fins.

Modelos de menores proporções, tal como o que se encontra exposto, são ainda hoje usados para armazenagem de água, transporte desta ou de cereais, etc.

5 -- Nassa. Quissanga, Porto Amélia.

6 -- Três armadilhas para ratos.

7 -- Outras nassas.

8 -- Foles.

1 -- Tarracha usada pelos pescadores Nhanjas do Lago Niassa.

2 -- Armadilha para pássaros. Macondes.

3 -- **Cosquinho** (barco) dos Macuas de Angoche.

4 -- **Buato**. Barco usado no Lago Niassa pelos Nhanjas. Metangula, província do Niassa.

5 -- Embarcação de pesca. Tribo do litoral: Macuas mestiçados de Árabes. Quissanga, Porto Amélia.

VIII -- Tambores (cedidos por empréstimo pela Universidade de Lourenço Marques).

IX -- Cadeiras macondes revelando influência indiana. Foto: Mulheres de Angoche (Macuas mestiçadas).

X -- Escultura: leopardo. Zambézia.

XI -- Escultura: Étnia Dima. Dondo, Beira.

XII -- Fole em pele de cabrito proveniente do Bárue. Foto: Fole de ferreiro do Bárue.

A principal indústria do povo Bárue é a do ferro, sendo os Bárues conhecidos como exímios ferreiros. No trabalho utilizam: fole (**mvucutu**); bigorna (**thera**) que por vezes é uma simples pedra, noutras

um pedaço de ferro fixado a um cabo de madeira, noutras ainda um grande bloco de ferro, martelo (**nhondo**).

Certos foles são providos de uma pega de madeira na boca, accionando o ferreiro o tole só com uma mão; nos que a não têm o ferreiro trabalha com as duas mãos.

XIII — Fotos: o homem e o trabalho.

- 1 — Torneiro e torno. Pebane.
- 2 — Homem Ronga executando pulseiras e outros adornos em metal.
- 3 — Mulher Bárue moendo farinha.
- 4 — Homem com **mucunde** (saco de viagem). Furancungo. Macanga.
- 5 — Engenho para extracção de óleo.
- 6 — Outro aspecto do mesmo engenho.
- 7 — Homem Ronga fazendo colher de pau.
- 8 — Feneiro Macua. Angoche.
- 9 — Homem utilizando maço na preparação de casca de árvore (**lihondo**).

SALA C

I — Instrumentos musicais

- 1 — O instrumento musical macua designado por **tchocare**, **viela** ou viola assemelha-se a um violino de uma só corda sendo a caixa de ressonância constituída por uma calote de cabaça coberta por pele de lagarta. A corda

e o arco do instrumento são em fibra vegetal, sendo friccionados com madeira resinosa antes de utilizados.

A harpa unicórdia **tchacôre**, além de tocada a solo, serve ainda de acompanhamento a certas canções e danças tradicionais. O seu tom plangente torna-a particularmente adequada a acompanhamentos fúnebres, sendo usada para este efeito em diversas áreas macuas.

- 2 — Cornetas ou trombetas, conhecidas por designações várias (assim, **nlope** ou **nivevereia** em língua macua, **chipalapala** em ronga e **changane**).

As mais simples, de chifre recurvado, produzem apenas um som uniforme; as mais elaboradas, de forma espiralada, são susceptíveis de produzir várias notas, chegando pela sua sonoridade a cobrir distâncias de meia dúzia de quilómetros.

Eram frequentemente empregadas pelas autoridades tradicionais para transmitir ordens ou avisos às suas gentes e por professores e catequistas do mato para convocar os cristãos para os diversos actos religiosos.

Usadas igualmente para afugentar animais dos campos cultivados.

- 3 — Instrumento musical (**tchigubo**) tocado por rapazes Nhanjas nos batuques.
- 4 — **Maracas** — instrumentos destinados a marcar ritmos. Feitos de cabaças ou cascas duras do fruto de embondeiro a que se adaptam cabos de madeira depois de se lhes introduzirem sementes secas ou caroços.

- 5 — **Lelugoviru** — espécie de ocarina constituída pelo fruto **sala** no qual são feitos três orifícios.
- 6 — Instrumento musical usado por Nhanjas e Ajuas.
- 7 — **Ipilicu**, ou **ipulucu** — instrumento musical macua utilizado principalmente pelas crianças e correspondendo à flauta de Pan europeia. É constituído por pequenos tubos de caniço de tamanhos diferentes mas bocais colocados ao mesmo nível, ligados por cera de abelhas.
- 8 — **Chiquitsi** — instrumento destinado a marcar ritmos. Usado unicamente por mulheres.
- 9 — Dois **pianinhos de mão** feitos de varetas de aço espalmadas e colocadas a par sobre uma caixa de ressonância em madeira. Tocam-se com os dedos polegares e indicadores.
- 10 — **Xitende**. Manjacaze.
- 11 — **Tinguelo** — Jogos de pequenas cabaças ou pericarpos duros de frutos silvestres onde se introduzem pedras ou sementes. Destinados a marcar ritmos, são por vezes amarrados aos tornozelos ou pulsos dos dançarinos.
- 12 — Tambores feitos de troncos de árvore escavados, sendo a abertura superior coberta por peles de antílope retesadas por cavilhas.
- 13 — Fotos:
- 1 — **Vielo**, instrumento musical dos Macuas-Metos. Montepuez
 - 2 — Instrumento musical, **bangue**, dos Azimbos. Povoação Gareta, Mulirima, distrito da Macanga

- 3 — Cornetas denominadas **vigubo**, feitas de cabaças, usadas pelos Nhanjas. Metangula, provincia do Niassa.
- 4 — *Musséqui*, espécie de guisos usados pelos Nhanjas. Mimbub nas darças. Mtengo. Bulimo, Distrito da Angónia.
- 5 — Fanitor dos Nhanjas. Metangula, provincia do Niassa.
- 6 — Orquestra Sena.

II — **Timbila** ou xilofones chopes

O povo Chope, fixado na região costeira do Sul do Save entre Zandamela e Inharrime, é afamado pela sua música. Os cantares e danças, **msaho**, que usualmente acompanham as suas magníficas orquestras de xilofones, **timbila**, constituem porventura a expressão mais elevada da arte musical africana na África meridional.

Em todas as aldeias chopes de certa importância se encontra uma orquestra. Em Zavala, centro do país chope, as principais autoridades tradicionais tinham cada uma o seu **ngodo** privativo, composto de orquestra e dançarinos.

Escolhido o tema, o compositor elabora em primeiro lugar a letra e só depois a música. Os temas versados relacionam-se sempre com eventos da vida social e o seu tom é usualmente o de uma crítica bem humorada, verberando injustiças sociais e ironizando formas de conduta menos regulares. São exemplos de assuntos versados em **msaho**: amores clandestinos, um assassinio impune, o rapto de uma rapariga, dificuldades no pagamento do imposto, a dureza do trabalho nas minas, prepotências dos

poderosos, a visita de alguma personalidade oficial, etc.

Os xilofones chopes, **timbila**, são usualmente tocados em conjunto, embora algumas danças infantis sejam acompanhadas por uma **timbila** e tambores.

Os Chopes fabricam e tocam cinco espécies de xilofone: **chilandzane** (soprano), **songue** ou **songe** (alto ou contralto), **dole** ou **mbingoè** (tenor), **dibiindo** (baixo) e **xiculo** (duplo-baixo), encontrando-se porém o **dole** em vias de desaparecimento.

À excepção do **xiculo** os instrumentos ultrapassam-se uns aos outros em extensão cobrindo, no conjunto, quatro oitavas. O xilofone soprano parte invariavelmente da nota fundamental, **hombe**, e tem de 12 a 16 notas. O contralto começa uma, duas ou três notas abaixo da tónica e pode ter catorze a dezoito notas. O tenor parte em regra da quarta ou quinta nota abaixo da **hombe** e pode ter dez a catorze notas. O baixo começa uma oitava abaixo da tónica e tem usualmente dez notas. O **xiculo** tem três ou quatro notas cuja afinação varia. A afinação média das orquestras chopes é quase idêntica à do piano de mão ou **pianinho** dos Carangas da Rodésia.

Quanto à tónica, **hombe**, esta varia de área para área, motivo pelo qual se torna inviável a actuação conjunta de várias orquestras chopes, a menos que se proceda à morosa tarefa de reafinação. Músicos de chefados importantes defendem usualmente o seu próprio **hombe**, face aos demais, com base em ser ele a «nota do rei», transmitida de geração em geração. Recorde-se, neste contexto, que também na Europa imperou até meados do século passado a diversidade de tons, gradualmente fixada num

padrão determinado. Seja porém qual for a posição da fundamental — de acordo com a qual as demais notas são afinadas — todos os músicos Chopes procuram estabelecer uma mesma escala de intervalos iguais, semelhante à escala heptatônica temperada.

Os músicos Chopes reparam os seus próprios xilofones mas poucos são aqueles que se dedicam ao fabrico do mesmos; o ofício transmite-se, por via de regra, de pais para filhos.

São os seguintes os materiais empregados nas **timbila**: madeira de mafurreira (**mucusso**), utilizada na tábua que serve de suporte às teclas; madeira **muenje** para o teclado, actualmente muito rara em Zavala, pelo que é procurada em Inharrime; casca lenhosa de certos frutos silvestres (**matamba** ou **msala**), servindo de caixas de ressonância; cera de vespa (**ipula**); cordões de casca de árvore ou couro (**tingoti**), para segurar as notas; borracha virgem para as cabeças das baquetas (**mbungo**); diafragma, por vezes de peritoneu de boi (**divondo** ou **cueva**), como membrana vibratória.

Os instrumentos utilizados no fabrico das **timbila** são rudimentares: machadinha afiada (**xivatelo**); cinzel de fabrico manual (**mbato**); ponta de metal para fazer buracos a fogo (**ntombo**). São ainda utilizados um machado grande (**nzanga**) para derrubar as árvores, uma faca para desbastar a madeira e gravar desenhos (**xivatelo**) e um fragmento de osso para polir as teclas de madeira; as folhas de **mbalahuta** servem de lixa e um pedaço de vidro de raspador.

As **timbila** expostas não constituem uma orquestra, visto não se encontrarem representados nem instrumentos **songe** nem **dole**. Um dos instrumentos

(de cabaças cobertas de sarapilheira) é aliás de proveniência mandilha e não chope.

As presentes **timbila** foram reparadas em Lourenço Marques por um músico Chope que se socorreu de materiais não-tradicionais. Assim a cera de abelhas foi substituída por alcatrão e sectores esféricos de cabaças por folhas de estanho enroladas. Modificações desta ordem verificam-se aliás nas próprias terras chopes em que latas de gasolina tomam por vezes o lugar das cabaças de abóbora como caixas de ressonância.

Fotos:

1 e 2 — **Marimbeiro** e dançarinos de Zavala.

3 — **Mbila xiculu**. Madender, Muchopes, Gaza

III — Esculturas rongas

As presentes esculturas, executadas por artistas Rongas, encontravam-se extremamente divulgadas na área de Lourenço Marques até à década de '60. Integrando-se embora na produção destinada ao mercado turístico, eram contudo dotadas de certa autenticidade e espontaneidade que as recomendavam como formas de arte. Gradualmente o seu lugar veio a ser ocupado por máscaras de madeira produzidas em série e destituídas de qualquer interesse etnográfico ou outro.

Era motivo predominante na arte escultórica rongas a reprodução de animais: crocodilos, lagartos, cágados e cobras, por vezes articulados. A recorrência do tema da serpente subindo por tronco de árvore com pássaros sugere a sua importância na mitologia local, ainda insuficientemente estudada. Entre os Rongas encontram-se também escul-

turas representando seres humanos, sempre em corpo inteiro, ornamentadas geralmente com penas de ave e peles de animais.

O trabalho é executado em madeira de mafureira com uma machadinha para desbastar e afeiçãoar troncos ou raízes e uma navalha para as incisões e acabamentos. A coloração negra das esculturas é obtida pelo fogo e a vermelha por sucos vegetais extraídos de cascas de árvore e sementes, só raramente sendo utilizados corantes comprados ao comércio.

IV — Esculturas macondes.

V — Vitrine contendo alguns objectos usados por curandeiros. Fotos.

VI — Bastões.

Mesas da Zambézia e outra arte de aculturação. Esculturas thonga-angone: mulher com criança às costas e homem com tanga de pano.

VII — Vitrine contendo bancos e travesseiros tradicionais, predominando talvez os de origem chona.

VIII — Cachimbos feitos de cabaças e bambu, para fumar **bangue** ou **suruma** (*Cannabis sativa*, L.).

Nas cabaças, usualmente de pequenas dimensões, são abertos dois orifícios: um no ponto de inserção do pedunculo no fruto, o outro a meio do bojo inferior abaixo do estrangulamento da cabaca. Ao primeiro é adaptado um forninho de barro onde são queimadas as folhas da planta, no segundo introduz-se um tubo de bambu por onde o fumador aspira o fumo depois de filtrado pela água contida no bojo maior da cabaça.

Foto: cachimbo **nhúngua**. Macondes.

- IX — Banco ajaua ou maconde.
- X — Banco, provavelmente da Zambézia.
- XI — Alambique.
- XII — Torno (incompleto).
- XIII — Caldeirão «Chambéti», segundo se crê de fabrico português, datando talvez do século XVI. Teria pertencido a uma das naus naufragadas ao largo da costa oriental de África.
- XIV — Utensílios domésticos em cobre e latão, alguns deles estanhados, usados pela população asiática.

Fotos:

- 1 — Jogo **como**. Namaluessu, província do Niassa.
- 2 — Homem **maco** da ilha de Quíloc, Angoche.

XV — Mesas da Zambézia.

SALA D

- I — Vitrine com trabalhos macondes em pau-preto e pau-ferro: arte de aculturação revelando marcada influência europeia e asiática.
- II — Vitrine com trabalhos em missanga, sendo uns genuínos e outros de imitação europeia.
- III — Guerreiro Ronga em gesso pintado, com traje tradicional.

IV — Catanas.

V — Azagaias.

VI — Machadinhas

VII — Arpões.

VIII — Punhais.

IX — Polvorinho.

X — Moca.

XI — Fotos

- 1 — Braço tatuado de homem Maconde.
- 2 — Mulher da Manhiça, provavelmente Chope.
- 3 — Tatuagem facial. Homem Maconde.
- 4 — **Nhou** dançado por Angónis.
- 5 — Tatuagem em mulher Macua-Meto. Montepuez.
- 6 — Velho Maconde.
- 7 — Mulher Maconde com **ntchacho** no labio e tatuagens.
- 8 — **Chipeto**, armadilha para ratos usada pelos Azimba da Macanga.
- 9 — **Diua**, armadilha para pássaros e ratos usada pelos Azimba da Macanga.
- 10 — Máscara usada pelas mulheres do litoral macua, de Angoche ao Rovuma.
- 11 — Homem Podzo. Mopeia.

- 12 — Rapaz Maconde com dentes limados.
- 13 — Mulher Cheua.
- 14 — Velho Chope da Manhiça.
- 15 — Rapariga Macua de Angoche.
- 16 — Rapariga de Angoche.
- 17 — Criança Macua.
- 18 — Rapariga Macua com tatuagem actualmente muito rara. Mossuril.
- 19 — Rapariga Podzo. Mopeia.
- 20 — Poyoação Tauara. Bárue.